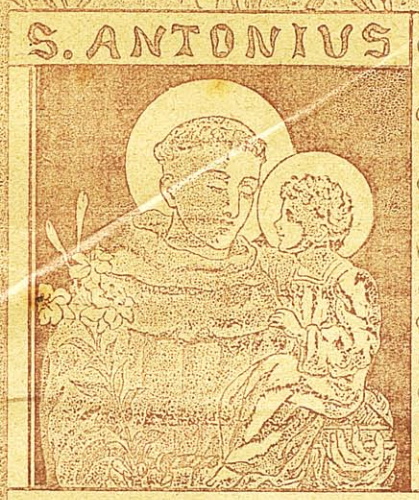


1.º ANNO — 1895
SETEMBRO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII e por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1895

DOCUMENTOS RELATIVOS Á TOMADA DE ROMA

Para illucidar mais nossos leitores acerca da verdadeira causa da tomada de Roma e da usurpação dos Estados Pontificios, transcrevemos em seguida os documentos que mais uma vez confirmam o que dissemos na parte historica ácerca d'esta questão.

No dia 11 de setembro de 1870, escrevia a *Gazeta Official* d'Italia:

«O rei, a proposta do seu conselho de ministros, deu ordem ás tropas reaes de entrarem nas provincias romanas.»

No dia 12 noticiava a mesma *Gazeta Official*:

«Em presença dos graves successos que se passam na Europa e das condições politicas da Italia, o governo do rei encarregou o conde de Ponza de S. Martino de ir a Roma e de entregar a Sua Santidade uma carta do rei. O fim da missão do conde de S. Martino conhece-se á vista das instrucções que lhe foram dadas por sua ex.ª o presidente do conselho de ministros.»

Eis o theor d'essas instrucções:

«O presidente do conselho de ministros ao conde de Ponza de S. Martino.»

«Florença, 8 de setembro de 1870. — Senhor Conde. — N'este momento solemne, em que o governo do rei é chamado pelos interesses d'Italia e da Santa Sé a tomar as medidas necessarias á segurança do territorio nacional, vós sois o encarregado de ir a Roma com uma carta de S. M. o rei ao Soberano Pontifice.

«Guarda e fiador dos destinos de Italia, altamente interessado como catholico, em não abandonar a sorte da Santa Sé (que santo zelo !...) e a da Italia aos perigos que a coragem do S. Padre estaria muito disposta a affrontar, S. M. o rei conhece o dever de tomar, ante a Europa e o catholicismo, a responsabilidade da manutenção da ordem na peninsula, e da segurança da Santa Sé. (Faz lembrar a fabula do lobo e do cordeiro: — *Se não foste tu, foi teu pai*).

«O governo do rei faltaria ao seu dever, se para tomar uma resolução, esperasse que a agitação produzisse graves desordens e effusão de sangue.

«Reservamo-nos, pois, para fazer entrar as nossas tropas no territorio romano, quando as circumstancias nos tiverem demonstrado que é necessario, deixando ás povoações o cuidado de prover á sua propria administração.

«O governo do rei e as suas forças limitam-se absolutamente a uma acção conservadora e tutelar dos direitos imprescriptiveis dos romanos e do interesse que tem o mundo catholico na completa independencia do soberano Pontifice.

«Pondo de parte toda a questão politica que possa ser suscitada por manifestações livres e pacificas do povo romano, o governo do rei está firmemente resolvido a segurar as garantias necessarias á independencia espiritual da Santa Sé, e a fazer egualmente d'este objecto de negociações futuras entre a Italia e as potencias interessadas.

«Procurar fazer comprehender ao Santo Padre quanto é solemne o momento actual para o futuro da Egreja e do Papado. O Chefe do catholicismo achará nas populações italianas profunda dedicação, e conservará nas margens do Tibre uma séde respeitada e independente de toda a soberania humana». (E' á maneira do carrasco, que algema os pulsos da victima, e depois diz-lhe que é livre).

«Sua Santidade dirige-se ao Pontifice com o affecto de um filho, que traiçoa seu pai) a fé de um catholico (que ultraja Christo) e os sentimentos de um rei e de um italiano. Sua Santidade não repellirá, pois, n'este tempo em que as instituições mais venerandas e a paz dos povos são ameaçadas, o que lealmente (ou traiçoeiramente?) se lhe estende em nome da religião e da Italia. (Aliás do inferno e da revolução).

Acceitae etc. ... G. *Lauza*.»

A escolha da missão do conde de S. Martino, afim de obter a cessão dos Estados Pontificios a Victor Manoel, escrevia n'aquelle tempo o celebre jornal catholico de Turim, *L'Unità Cattolica*:

«O conde S. Martino tinha calculado que ou receberia uma negativa formal e não justificada, ou uma resposta inconcludente, pois lhe parecia impossivel que se podessem refutar rasoavelmente as concessões de que era portador.

«O cardeal secretario d'estado, *Antonelli*, com a sua costumada cortezia e tranquillidade imperturbavel, se approximou do enviado, e, trocados os cumprimentos do costume, se empenhou o seguinte dialogo:

— Eminentissimo, sou portador de uma carta do rei para o Santo Padre, e alegro-me de ter de cumprir uma missão benevola, destinada a assegurar da parte do governo italiano a independencia da Santa Sé e o lustre da religião.

— Então o seu governo, snr. conde, reconhece a absoluta necessidade de independencia para o chefe de uma religião, que tem interesses em todos os estados do mundo?

— Sim, eminentissimo, está d'isso convencido.

— Isso me conforta, snr. conde, congratula-me de que seja comprehendida esta verdade.

— Independencia espiritual, eminentissimo.

— Sim, independencia espiritual, pois que d'ella tem necessidade a Santa Sé, para cumprir a missão que lhe foi confiada sobre a terra.

— Então, (disse risonho o conde) eminentissimo, eu tinha a satisfação de levar ao governo e ao rei a feliz nova de se ter concluido uma tão suspirada pacificação.

— Mas devemos discutir estas propostas, snr. conde, a ver se garantem aquillo que o seu governo tão rasoavelmente deseja, a independencia do Papa.

Chegada a este ponto a conversação, o conde Ponza applicou toda a sua eloquencia para significar as intenções do governo: prestigio da auctoridade, respeito illimitado ao cabeça da Religião, á sua côrte, aos seus funccionarios, meios pecuniarios, instituições catholicas asseguradas e protegidas; tudo prometteu, com linguagem eloquente e accento de convicção

— Muito bem, snr. conde, eu quero crer na sua lealdade e na do seu governo; mas em nome de quem promette v. s.ª tudo isso?

— Em nome do governo do rei.

— Permitta-me, snr. conde, lembrar-lhe que o seu governo é constitucional, e muito bem sabe que póde mudar amanhã. Além d'isso o parlamento usará do direito de exame das promessas de que v. s.ª está encarregado. Poder-me-ha garantir de que seja qual fôr o ministerio successor do actual, o parlamento sanccionará a nossa convenção?

— (O conde perturbado). Assim o espero: o bom senso dos italianos deixa-m'o esperar.

— Peço a v. s.ª que se explique melhor sobre este ponto: o seu governo reconhece indispensavel a independencia da Santa Sé, portanto a sua intenção deve ser que fique bem garantida. Póde garantil-a?

— (O conde mais perturbado). Espero, eminentissimo, mas convem ter em conta as condições dos tempos e a fórma de governo.

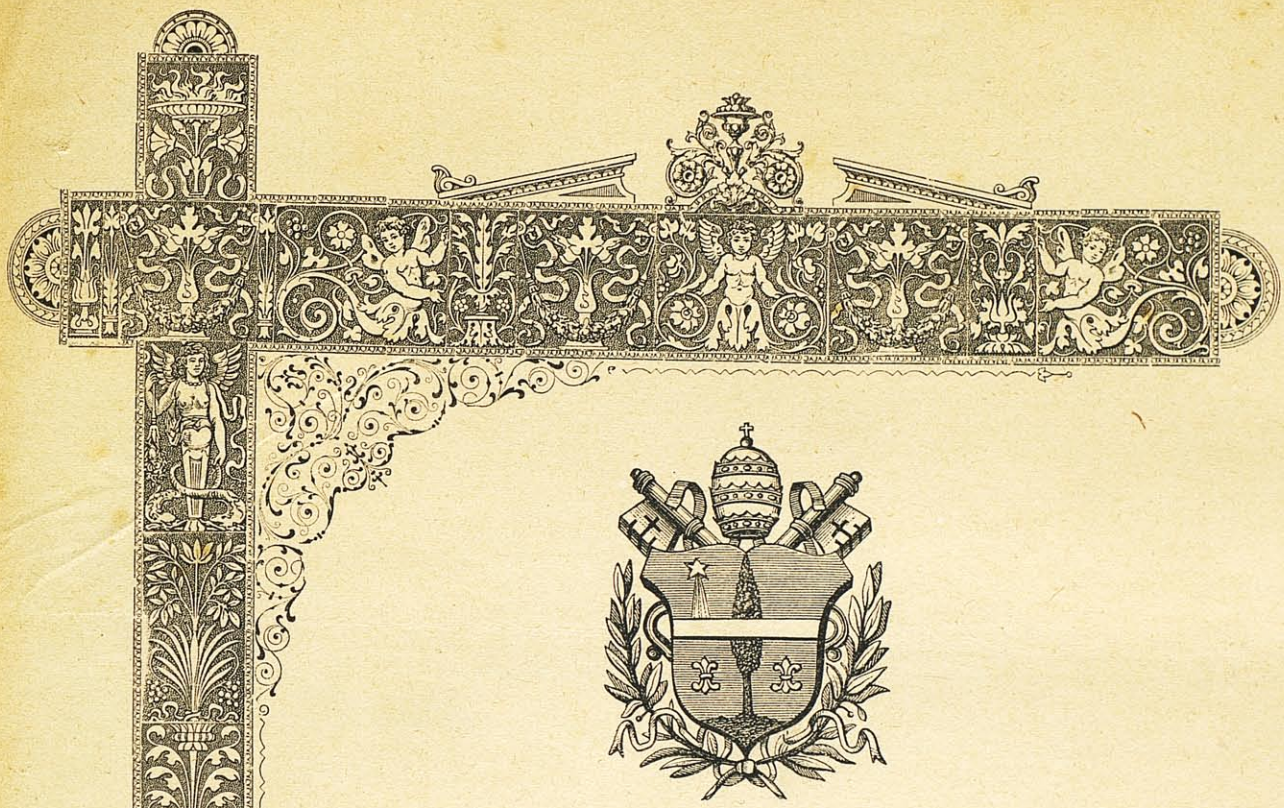
— Parece-lhe, snr. conde, que o Santo Padre acceitar as suas benevolas supposições, e expor aos riscos do accaso a propria independencia? Diga, senhor, póde o cabeça da religião, responsavel da sua independencia deante de Deus, deante das potencias, deante dos povos, acceitar as seguranças de um governo que não tem segura a existencia e cujos precedentes não depõem em favor da sua lealdade? Os interesses vitaes da religião podem voluntariamente expor-se aos criterios de um parlamento, onde o paiz catholico só conta algum representante, que se não quer jamais ouvir?

— Sim, confie, eminentissimo, que será mudado o systema, dissolvida a camara, e inaugurada uma era nova de conciliação e de paz.

— Mas poderá o governo acceitar a condemnação de suas leis contrarias á Egreja, ou revogal-as; poderá estar seguro do resultado nas novas eleições ao parlamento? V. s.ª, snr. conde, fallou-me de tempos difficeis, de tentativas anarchicas; está certo o governo de poder subjugar a difficuldade dos tempos?

— (O conde perturbadissimo). Assim o espero, depois de estarem satisfeitos os votos do paiz ácerca de Roma.

— Deixemos em paz os votos do paiz; temos em nosso poder provas do que elles são. Fallemos com franqueza, snr. conde. Póde, por ventura, ignorar porque o partido anarchico exige Roma? Espera poder sepultar dentro d'ella Papado e



AO SOBERANO

PONTIFICE E REI,

LEÃO XIII,

Chefe supremo da Egreja de Deus, Sagrado e invicto mantenedor de todo o direito,

AO PAI, AO MESTRE, AO REI,

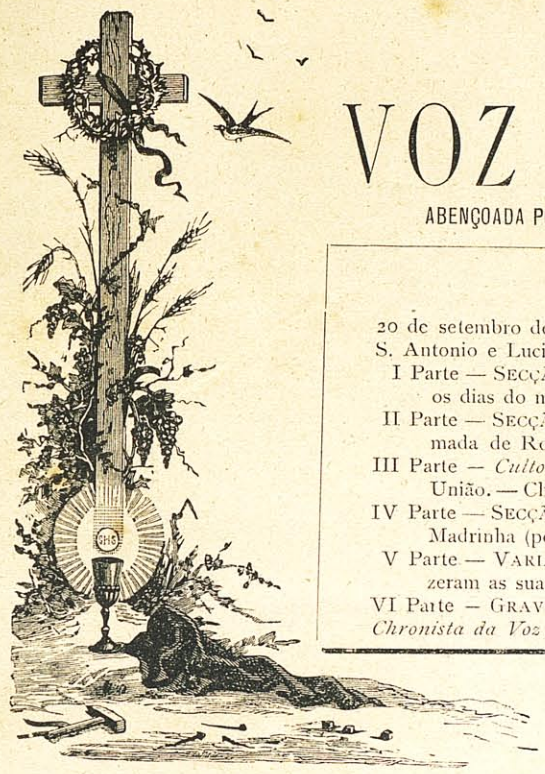
como testimunho publico de inquebrantavel adhesão, filial amôr e solemne protesto, contra as offensas do dia 20 de setembro,

Reverente consagra

A REDACÇÃO

DA

Voz de S. Antonio.



N.º 9 — SETEMBRO 1895

VOZ DE S. ANTONIO

ABENÇOADA POR S. S. O PAPA LEÃO XIII E POR S. EM.ª O CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

SUMMARIO

20 de setembro de 1870!
S. Antonio e Lucifer.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: Exposição Mystica. — Maximas de S. Antonio para todos os dias do mez. — S. Antonio de Lisboa.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Historia de S. Antonio de Lisboa. — O demonio e a tomada de Roma.
III Parte — *Culto de S. Antonio:* S. Antonio na Capital da França. — Chronica da Pia União. — Chronica do Pão do Pobres.
IV Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O trabalho, o dinheiro e a propriedade. — Madrinha (poesia).
V Parte — VARIA: Bibliographia. — Correspondentes. — Lista dos assignantes que satisfizeram as suas assignaturas.
VI Parte — GRAVURAS: S. Antonio de Lisboa em Aracœli. — S. Antonio em S. Vicente.
Chronista da Voz: Documentos relativos á tomada de Roma.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

20 DE SETEMBRO DE 1870!

DATA memoravel nos fastos da iniquidade é o dia 20 de setembro de 1870!

O triumpho da revolução; a ostentação da mais horrorosa das impiedades; a perpetração de um inaudito sacrilegio; — eis o que significa essa data nefasta, que manchou a historia de um povo, que por tantos titulos devia de ser piedoso, virtuoso e santo!

A conculcação dos mais sagrados direitos; a perseguição infamissima do mais cru dos despotismos contra innocentes e indefesos; a revolta dos filhos contra um pai, que era todo amor, todo bondade, todo carinho para com seus filhos; — é isso que nos faz lembrar o dia 20 de setembro de 1870!

As offensas, insultos, doestos, arbitrariedades com a pessoa que mais presa toda a christandade; que é o sustentaculo de seus irmãos, o arrimo de seus filhos, o guia de todos os christãos; — eis o que nos traz á memoria o dia 20 de setembro de 1870!

E nós, os catholicos, havemos de calar-nos, quando a impiedade tripodia em honra d'essa memoravel infamia?

E a *Voz de S. Antonio* calar-se-ha quando o Vigario de Jesus Christo é insultado, quando a verdade é sem pejo conculcada, quando são espesinhados os sacrosantos foros da justiça e do direito?

Que são, para nós os catholicos, esses festejos que a revolução está celebrando na veneranda cidade dos Papas, depois que o inexoravel relogio do tempo marcou sobre elles um quarto de seculo? Que é o que elles são? Um insulto, que devia fazer subir o rubor ás faces de todos os filhos da Egreja, porque a todos elles é dirigido; uma infamia que devia excitar em todos os membros da Christandade um grito de indignação; um desafio que devia despertar do seu torpor todas as nações catholicas.

E os echos da revolução e do inferno repercutiram-se pelos quebrados do campo social, sem que um som sequer viesse abafar o seu medonho fragor!

Vergonha para a sociedade actual, em nome da justiça e do direito!

E qual é a razão porque os estados catholicos viram com indifferença inqualificavel o mais sacrilego dos attentados; e porque não bradam elles, ao menos agora, aos partidarios de Lucifer, e empunhando a espada do direito e da justiça: — Parai, não ultrageis nosso Pai!

Custa dizel o, mas diga-se porque é verdade, o sentimento catholico deixou de ser a mola real das sociedades christãs; o sangue que gira pelas veias sociaes está depauperado com a enfermidade do indifferentismo e corroido com a gangrena da descrença; symptomas horriveis

a que deu origem o virus envenenado do liberalismo.

Por isso se perpetrou esse horrendo parricidio que ha de ser a nodoa mais vergonhosa do seculo XIX, e que a historia imparcial ha de verberar, quando a penna do escriptor não fôr peada com as algemas do respeito humano.

A nós não nos compete ir com a espada na mão reivindicar os direitos do nosso supremo Pai espiritual, isso não; mas, ao menos, restanos a consolação de, com a liberdade dos filhos de Deus, exprimir desassombradamente nossos sentimentos de catholicos.

Por isso, em nome de todos os assignantes da *Voz de S. Antonio,* de seus numerosos amigos, e de todos os membros da Pia União em Portugal, que de certo commungam nas nossas ideias; nós levantamos aqui um solemne protesto contra os insultos que se estão perpetrando em Roma e que vão ferir e amargurar o coração de nosso Pai espiritual — Leão XIII.

Pela bocca de S. Antonio, brada a sua *Voz,* como outr'ora no seculo XII contra o tyranno Frederic Barba-Roxa e contra o barbaro e cruel Ezzellino bradava o nosso Santo Thaumaturgo, ao defender intrepido os direitos do Pontifice Romano: —

VIVA LEÃO XIII, PAPA E REI!

A REDACÇÃO.

S. ANTONIO E LUCIFER

O MUNDO depois da culpa original segundo o bello pensamento do grande doutor de Hyppona, póde comparar-se a um immenso campo de batalha, onde dous exercitos inimigos jurados estão em presença um do outro; ou dous reinos eternamente incompativeis, e que se guerreiam sem treguas; ou duas cidades irreconciliavelmente divididas e que trabalham por se destruir mutuamente. D'um lado está o exercito de Deus, o Reino de Christo, a cidade da Egreja; do outro, o exercito de Satanaz, o reino do demonio, a cidade infernal. [1]

A lucta entre estas duas cidades tem durado desde todos os seculos e durará incessante e inaplacavel até aos ultimos dias. O desenlace d'este duelo gigantesco, d'este drama formidavel terá lugar nos umbraes da eternidade para triumpho final de Christo; porque ao nome de Jesus todo o joelho se dobrará de bom ou mau grado, no ceo, na terra, e nos mesmos infernos. [1]

Comtudo atravez dos tempos, tem havido epochas em que o ardor dos combatentes redobra, em que o assalto se trava com furor, momentos em que a Igreja illuminada do Alto, para caminhar a nobres conquistas exalta e exaspera o odio e a raiva dos exercitos do mal; momentos em que Satanaz para defender a sua causa que desaba, emprega todos os meios que lhe inspira o seu genio depravado, a sua obstinação inflexivel, a sua audacia desesperada.

Incontestavelmente nós estamos n'uma d'essas epochas tremendas; e os batalhões que o anjo maldito enfileira e disciplina para conduzir ao assalto da cidade de Deus, os soldados escolhidos em quem tem actualmente toda a sua esperança e baseia seus projectos de vingança, são primeiro que tudo as *sociedades secretas.* [2]

A *franc-maçonaria* é certamente a principal invenção de sua astucia maligna, a ultima palavra da sua orgulhosa impudencia; é ella realmente o mais perfido e victorioso instrumento de dominação, de tyrannia, que o anjo maldito soube inventar para estender seu reino e tentar emfim subjugar o mundo. Com o auxilio da maçonaria pôde elle levar por sobre o universo o estandarte da revolução, desfazer os thronos, e arruinar os altares; pôde converter os povos, os governos, as nações n'uma universal rede de intrigas tenebrosas e inauditas conspirações d'um occulto e criminoso poder; por ella tambem e sobre tudo em opposição á Igreja de Jesus Christo, constituiu nas trevas sua *igreja diabolica.* Ao culto do Homem-Deus oppoz o seu culto, e nas ante-lojas propriamente ditas, nos *triangulos luciferianos* sobre toda a face do globo fez que lhe rendessem pessoal e directamente o culto só devido á Divindade.

Como isto será extranho e monstruoso para aquelles que até ao presente não suspeitavam tal mysterio, e fechavam os ouvidos aos anathemas da Igreja, considerando a maçonaria como uma associação de beneficencia, philantropica ou quando muito um club internacional de agitadores politicos! Sim, mas diremos a verdade.

Além das *lojas* cuja existencia é mais ou menos conhecida do publico, além dos simples *ateliers* compostos e povoados por uma turba de livre-pensadores e franc-mações vulgares, ha tambem os *areopagos* scelerados e completamente impios, os *rosa-cruz* e *Kadosch* chefes das revoluções e auctores de sacrilegios e assassinatos; e como remate de toda a organisação tenebrosa e mysteriosa da seita, estão os *triangulos* que governam occulta mas effectivamente tudo o mais, *luciferiamismo, palladismo.*

O *palladismo* póde chamar-se a suprema maço-

[1] S. Agostinho, *De Civitate Dei.*

[1] S. Paulo, *ad Philipp.*, II, 10.

[2] Leão XIII, encyc. *Humanum Genus* (20 d'abril de 1884).

naria; é o rito que coroa todos os graus mais elevados, possuindo a direcção de todos os outros ritos; é o rito absolutamente universal, completando a iniciação de todos os outros quaesquer que sejam, rito reservado aos adeptos que chegaram a conhecer o *segredo dos segredos*. Ora este segredo, é a glorificação do demonio a adoração expressa de Lucifer.

Tertulliano chamou a Satanaz o *mono de Deus*, e em parte alguma se póde com tanta propriedade dizer isto, como na organisação d'esta maçonaria luciferina. Todos os que tem conhecidos os seus mysterios, attestam o que dizemos, ella é uma verdadeira *parodia demoniaca da Igreja Catholica*.

A' imitação de N. S. Jesus Christo, quer tambem Satanaz ter sobre a terra o seu *vigario* e junto de nós um representante; creou um *papa* infernal *soberano gerarcha* da religião maldita; tem tambem seu *sacro collegio*, um collegio de cardeaes diabolicos, um conselho de *mações emeritos* que lhe assistem em seu governo. Factos recentes e publicos, esclareceram plenamente este ponto; o nome do *grande pontifice* do luciferinismo é bem conhecido dos *profanos*, e conhecido é tambem, como para provocar de novo a Igreja, transportou a sua séde para o seio da propria Roma em face da cadeira infallivel e immutavel do Vigario de Jesus Christo.

Ainda isto não é tudo; o *palladismo* tem suas *provincias triangulares* que são como as dioceses do satanismo, suas festas mais ou menos solemnes em honra de Lucifer e dos demonios. Tem *sacramentos*, parodia monstruosa dos sacramentos catholicos; tem o *signal da cruz-gnostico*, *reliquias infames*, medalhas, escapularios; e não lhe faltou seus talismans confeccionados com o emprego de hostias profanadas.

O inferno não deixou tambem de lhe inspirar a sua lithurgia e ritos, e a contrafação especialmente do *Padre Nosso*, *Ave Maria*, *Credo*, *psalmos*, *canticos de execração* contra a Santissima Virgem Maria, *ladainhas* blasphematorias e obscenas. Celebra tambem suas *missas diabolicas*, profanando a Sagrada Eucharistia tão frequentemente, com taes horrores e indescriptiveis obscenidades, que vae muito além do que póde imaginar um homem de senso, e dotado de razão.

Tem tambem o *palladismo seus sanctuarios privilegiados*, suas *lojas madres do Lotus*, e no seu *sanctum regnum* sobre os altares dos principaes triangulos está collocado o antigo idolo dos Templarios apostatas, *Baphomet* representado com cabeça de cabra symbolo de Lucifer, adorado como *Deus bom*... Sim; este idolo hediondo, eis o *palladismo* da franc-maçonaria universal!!

O *Palladismo* tem suas associações de mulheres, suas *eleitas palladicas*, e *mestras templarias* especialmente consagradas ao domonio. Um grande numero d'entre ellas tem por missão especial frequentar hypocritamente as Igrejas e fornecer assim hostias consagradas ás orgias luciferinas; recebendo sacrilegamente a Sagrada Eucharistia e apoderando-se em seguida das sagradas formas!!

Finalmente o palladismo tem seus prestigios, que pretende oppor aos milagres dos Santos; tem suas evocações; suas apparições referidas por um bom numero de testemunhos de toda a probidade a quem sem temeridade se não póde negar credito; e o proprio Lucifer apparece a seus adeptos em certos dias e circumstancias, sob uma forma visivel, manifestando-lhes seus planos, excitando-os á lucta, e promettendo-lhes a victoria.

Presentemente o luciferinismo extende-se de um a outro hemispherio; na Europa, na America e na Oceania não ha região, onde não tenha suas provincias, não ha nação, onde não conte alguns *triangulos* e centros de acção. Na Asia com o nome de *sanho-hoei* dirige a maçonaria chineza; reina desassombradamente nas Indias, entre as innumeraveis populações idolatras, e por toda a parte machina nas trevas contra os missionarios catholicos, cortando-lhes a palma do martyrio.

Em face d'esta synagoga satanica, e d'esta organisação infernal, onde todas as forças do abysmo se conjuram contra a Igreja, devem vacillar os soldados de Christo e vergar ao peso do desalento? Não. Se algum dia, porém, sentirem esfriar em si o ardor das batalhas do Senhor, volvam os olhos, A'quelle que os precedeu sete seculos, n'uma epocha em que se pelejavam os combates mais formidaveis, porque era a guerra do mal contra o bem e da mentira contra a verdade. Inspirai-vos nos exemplos do Thaumaturgo de Lisboa, porque elles hão de metter coração aos fracos e animar os fortes. Meditae seus ensinamentos e conhecereis qual é a attitude e a coragem que importa manter em face de Satanaz; ahi apprendereis a baldar seus intentos e a debellar suas bandeiras.

Cheia está a vida de Santo Antonio das victorias mais completas nos riscos mais difficeis.

Quando ainda menino, afugenta com o signal da cruz o espirito immundo, que sob apparencia de encantadora donzella, se lhe offerece á vista e o persegue até ás escadas, que levam ao côro da cathedral de Lisboa. Conego regular em Santa Cruz, livra a um religioso do demonio que o atormenta.

Discipulo do Patriarcha de Assis, em toda a parte, aonde o chama o perigo das almas e o bem de seus semelhantes patentea os ataques do inferno e frustra seus ardis. A' sua voz acalmam os mares e abrandam os ventos que o inimigo de Deus levanta; dissipam-se os fantasmas e desvanecem-se as sombras com que procura alvoraçar os fieis e perturbar o remanso dos claustros.

As grutas de *Brive* em France, são um dos celebres theatros de suas victorias. Uma noite em que o Santo repousava das muitas fadigas do dia, lhe apparece o demonio, o qual furioso se lhe lança á garganta e esforça-se por suffocal-o. Antonio não se intimida; volta os olhos para Maria e entoa-lhe seu himno favorito, *O Gloriosa Domina*, e, ao nome da Virgem, Satanás larga a presa e foge confuso.

Finalmente, os milagres que depois de sua morte, ha operado em favor dos que o invocam contra as insidias diabolicas são tantos e tão estrondosos, que S. Boaventura, no celebre responso [1] que compoz em honra do Santo, põe entre os seus titulos de gloria: *Dæmon, lepra fugiunt!* o demonio foge de Antonio.

A'vante pois, e como Antonio de Lisboa, nós em face da *franc-maçonaria luciferina,* guerreemol-a e tenhamos confiança em Deus, porque alcançaremos victoria.

Avante, não nos intimide seu exercito numeroso, não nos acobardem suas furias infernaes; Satanaz não poderá transpôr as barreiras que a mão do Senhor poz a seu poder. Deus é quem manda no tempo e governa na eternidade. Ignoramol-o nós? A Igreja edificada sobre firme rocha, vê a seus pés desfazer-se as vagas e as tempestades. A palavra d'aquelle que não pode enganar, foi pronunciada: *Non prevalebunt!*

Sim, Christo morrendo no Calvario, vibrou sobre Satanaz um golpe formidavel. A serpente infernal teme a Igreja, teme o Pontifice rei, teme a Virgem Immaculada que lhe esmagou a cabeça.

Unamo-nos todos em oração humilde e perseverante ao Coração de Jesus e á Virgem, que é o conforto dos christãos, porque a oração é a arma de mais fina tempera que todo o soldado de Christo póde manejar contra os inimigos de Deus e da Igreja.

Oremos todos, porque a oração derrota as mais fortes e aguerridas legiões do espirito do mal.

Associados da *Pia União,* temos um mandato a cumprir: debaixo do estandarte de Jesus Christo e de Maria, levando á frente o Thaumaturgo de Lisboa e o Pobresinho de Assis, organisemos contra Satanaz, contra sua filha predilecta a *franc-maçonaria luciferina* uma vasta e valorosa cruzada de orações.

Escude-nos a fé, a esperança e o amor; e doceis á voz do romano Pontifice, oremos de contínuo, porque a oração é um verdadeiro combate em que se vence o inimigo do Senhor.

EXPOSIÇÃO MYSTICA

DA

Sagrada Escriptura por S. Antonio de Lisboa, da Ordem do Seraphico Patriarcha S. Francisco d'Assis, e primeiro mestre das Sagradas Escripturas na mesma Ordem.

EXPOSIÇÃO DO LIVRO DO GENESIS

(Continuação)

No quinto dia disse Deus: *As aguas produzam os reptís,* etc. A quinta virtude é o exercicio da vida activa e contemplativa, na qual o homem activo percorre, como o peixe, as sendas do mar, isto é mundo, para acudir e até prevenir as necessidades do seu proximo. E o contemplativo elevado como a ave, nos ares pelas azas da contemplação, contempla, segundo a sua capacidade, o grande rei em todo o seu esplendor. O homem, diz Job, nasce para o trabalho, isto é, para a vida contemplativa. E assim como a ave que tem o peito largo difficilmente vôa. porque abrange muito ar que a impede, e, pelo contrario, a que tem o peito estreito vôa mais ligeira e com menos difficuldade, assim a mente contemplativa, se viver occupada com muitas e varias cogitações difficilmente caminha na sua derrota; pelo contrario, se de uma só coisa se occupar e viver recolhida chegará a gosar do prazer da contemplação.

No sexto dia disse Deus: *Façamos o homem,* etc. A sexta e ultima virtude é a perseverança final, que é a extremidade da victima no sacrificio. E' a tunica talar de José do Egypto sem a qual as cinco virtudes anteriores de nada servirão e com a qual todas se possuem com vantagem por meio da qual se hão de imprimir no ultimo dia a imagem e a similhança de Deus sobre a alma d'onde nunca mais será apagada nem manchada.

No principio creou Deus, etc. Em seis dias fez Deus todas as cousas; disse e tudo apareceu feito. Na sexta edade *o Verbo se fez carne.* No sexto dia e á sexta hora soffreu: tanta differença vai entre o seu dizer e fazer, quanta foi entre o seu crear e recrear.

A creação foi obra leve e facil, custou apenas a sua palavra, ou melhor, só a sua vontade; mas a recreação, essa foi difficil porque só a preço da sua paixão e morte se conseguiu.

E que paixão, que angustia, que dôr, aquella com que fomos creados de novo e remidos! E todavia peccamos tão facil e tão gravemente.

As trevas estendiam-se sobre a face do abysmo. Por causa das trevas o homem não póde vêr as figuras nem as côres.

Assim Deus não vê a sua imagem na alma do homem que está em peccado.

Na face do homem prudente reluz a sabedoria increada, que é Deus; mas nos peccadores está muito obscurecida.

O espirito do Senhor passeava sobre as aguas. Este espirito é a alma que já é senhora do amor divino, e como tal é levada sobre as aguas, isto é, está superior ás cousas temporaes.

A' congregação das aguas chamou mar porque a accumulação de riquezas não é outra cousa senão a tribulação e amargura da dôr.

As aguas produzem os reptís e as aves, etc. Ha reptís que se arrastam com os pés, como as lagartas, outros com o ventre, como a serpente, e outros com a bocca, que fixada em algum objecto, serve para arrastar o resto do corpo. Assim ha muitos que tudo quanto têem está-lhes na bocca, e como os vermes é só n'ella que possuem alguma fortaleza, todo o resto do seu corpo, isto é, as suas obras, é molle, e sem vigor nem austeridade senão nas palavras. As rãs, com o corpo dentro da

1 Resp. *Si quaris miracula.*

S. ANTONIO DE LISBOA NA EGREJA DE ARACŒLI (ROMA)
(PINTURA DE PINTURICCHIO)

agua, teem só os labios de fóra, e assim cantam optimamente. Da mesma sorte muitos prégadores são como este reptíl que tudo têem na terra (ainda que fallem do ceu).

Deus creou dois grandes luzeiros, um maior e outro menor. O maior é o espirito angelico, o menor a alma do homem. E' chamado lua (luna) isto é uma ou um dos luzeiros, porque a alma do homem foi creada para que se alimentasse com as cousas celestiaes e louvasse a Deus como os espiritos angelicos e se alegrasse com os filhos de Deus.

Deus formou o homem da terra e se Deus o abandonar imitará em tudo a mesma terra. Assim como a terra inculta, ainda que de si seja boa, logo se torna silvestre e infructifera assim a nutureza humana, se não fôr diligentemente cultivada produzirá apenas os fructos da culpa.

Deus formou o homem á sua imagem. Formou-o, porém no mesmo dia em que creou os animaes, para rebater a soberba do homem.

Homo cum in honore esset non intellexit, comparatas est jumentis insipientibus et similis factus est illis. (Psalm. 48).

(Continúa).

*

* *

MAXIMAS DE S. ANTONIO PARA TODOS OS DIAS DO MEZ

1.ª — Aquelles que se entregam aos prazeres mundanos são como os bois, que teem sempre os olhos na terra sem nunca os levantar para o ceu.

2.ª — Os amigos dos prazeres mundanos sustentam-se com palhas com que hão de arder no fogo eterno.

3.ª — Grande injuria faz ao Espirito Santo aquelle que não agradece os beneficios espirituaes.

4.ª — O Senhor nos exorta com muita frequencia, quer com palavras quer com exemplos, a sermos reconhecidos aos beneficios recebidos.

5.ª — Christo, indo ao templo nas grandes solemnidades, quiz nos dar a entender que devemos levantar o nosso espirito continuamente a Deus, e, sobre tudo nas principaes festas, nos devemos consagrar totalmente a Deus.

6.ª — Assim como o amor de Deus nunca é desacompanhado da luz do conhecimento, porisso que é um fogo que illumina e inflamma; assim o amor do mundo nunca está separado da cegueira do entendimento, porquanto é um fogo semelhante ao do inferno que ao mesmo tempo queima e é tenebroso sem claridade alguma.

7.ª — O peccador, tantas vezes crucifica Jesus Christo, quantas cahe no peccado.

8.ª — Tantas vezes se dá o homem a morte a si mesmo, quantas cahe no peccado.

9.ª — Que infeliz que és, pobre peccador! quando o demonio tenta aprisionar te, e, estendendo seus laços, lhe offereces os pés, e, depois de bem preso, lhe offereces as mãos, apertando te ao mesmo tempo a garganta, para não confessares as tuas culpas!

10.ª — Deus, com muita razão, subtrahe ás vezes os beneficios tanto espirituaes como corporaes, porque prevê que não havemos de usar bem d'elles.

11.ª — Deus, por sua infinita misericordia, previne muitas vezes com seus beneficios as obras do homem, não chega, porém, nunca a castigar o peccador, senão depois de ter commettido o peccado.

12.ª — Nunca devemos ferir o peccador, quando o corrigimos; senão com muita mansidão leval o ao reconhecimento da sua culpa.

13.ª — Deus ouve os peccadores que a Elle se convertem; não, porém, aquelles que permanecem no peccado.

14.ª — Christo nunca vem á alma sem a companhia de seus discipulos, isto é, das virtudes da humildade, mansidão, castidade etc., e de uma grande multidão de boas obras.

15.ª — Quantos não choram o corpo, que se separou da sua alma, e não derramam uma lagrima sequer por sua alma, apartada da luz, da graça e da vida!

16.ª — Quantos não ha que se horrorisam junto ao cadaver de um penitente, podendo crer que o bom anjo os preserva do espirito maligno; e não teem o menor horror de tratar com o peccador publico, apesar de saberem que dentro de si teem o demonio!

17.ª — A maior união, depois da que existe entre as pessoas divinas, é a que existe entre a divindade e humanidade de Christo.

18.ª — Podemos chamar a este mundo movimento fluctuante, porque não conhece estabilidade e tranquilidade.

19.ª — Difficilmente desperta o homem que dorme no peccado.

20.ª — Considera, homem, a grandeza da ineffavel piedade de Nosso Senhor!

21.ª — Que outra cousa fazem os detractores senão soprar no pó, enchendo os olhos de terra?

22.ª — O homem, a quem falta a fé divina, está e anda em trevas, sem saber para onde vai; só a fé e a graça o podem illustrar.

23.ª — Os soberbos são levados de um logar para outro por varias tentações de pensamentos; só o humilde permanece estavel, como o centro da circumferencia.

24.ª — Para o humilde convergem os raios da luz divina, e n'elle se accende o fogo da caridade.

25.ª — A vida do humilde é á maneira de um espelho, polido pela mansidão e isempto de toda a aspereza.

26.ª — O soberbo, como arrogante e presumpçoso que é, não quer seguir a Deus senão precedel-o; e, por isso, lhe diz o Senhor: *Vade retro, Satana.*

27.ª — Os que não querem seguir mas preceder a luz do sol de justiça cahirão em mãos do inimigo.

28.ª — Os que seguem a Deus facilmente vencerão o inimigo.

29.ª — Despresar a correcção é um dos signaes dos reprovados.

30.ª — Signal é de que o homem se encontra submergido no mais profundo abysmo da maldade, quando fechados os ouvidos da alma, pervertido o affecto, cega a vista e impedernido o coração.

S. ANTONIO DE LISBOA

(Continuação)

CAPITULO II

1.º Aquelles que creem elevam os seus olhos até ao alto dos céos, e tocados da graça veem no Santo a gloria do Senhor Nosso Deus e o louvam dizendo:

2.º Sublime arrebatamento da minha alma, as tuas virtudes elevam o meu espirito, porque o teu coração arde nas chammas do amor divino.

3.º E' tão suave a fragrancia das tuas obras que recende como o balsamo, e vivifica como os arroios da graça.

4.º A minha alma ouve a tua voz, e ella a distingue d'entre o coro dos anjos, doce, e suave como os sons da lyra tangida pelos cherubins.

5.º E a tua voz é como a luz collocada em logar elevado vence os outeiros, e penetra as quebradas dos montes.

6.º Vejo-te no bulicio do mundo resplandecente de gloria, cercado de magestade, como um anjo descido do céo, e admiro-te no ermo da clausura recendindo sempre os aromas da myrrha, e os polvilhos odoriferos do incenso.

7.º O Senhor te tornou grande entre os seus santos, deu-te assento na cadeira da sabedoria e adornou-te com a sciencia dos seus juizos.

8.º E nem as pompas do mundo perturbaram a tua alma, nem no deserto do ermo o Espirito Satanico te venceu.

9.º Os filhos da nova Sião ouviram com jubilo a tua sabedoria, e aquelles que os mares povoam vieram dar testemunho da verdade que de teus labios a flux emanava.

10.º O Senhor, na immensidade dos mundos, ergueu um templo á tua gloria, e os que habitam

a terra conhecem em ti quanto é poderoso o Senhor Nosso Deus.

11.º E tornando o burel grosseiro que te vestia mais primoroso que a purpura, teceu mais fina do que o ouro a corda que te cingia.

12.º E os que se diziam valentes, e fortes, tremeram de respeito ao ouvir a tua voz, e ficaram offuscados com o brilho do teu diadema.

13.º E aquelles que te seguiam, cheios de alegria diziam: como é engraçada a virtude, como é bella a joia da humildade.

14.º Eleva-nos até ao Libano, e dá-nos as glorias do Thabor.

15.º Conforta-nos no sermão da Montanha, santifica-nos em casa de Zacheu, e da-nos vida ás portas de Nahim.

16.º Vinde, vinde admirar a luz que o Senhor Nosso Deus accendeu no cume do Thabor, deixae as cavernas dos leões, e as montanhas desertas onde uivam os lobos.

17.º Aqui encontraes o jardim fechado, onde se aspira o perfume do álve, do cinnamomo, e do nardo.

18.º Aqui correm com impeto as fontes da agua viva. Aqui está o templo da virtude.

19.º Aqui não se levanta o aquilão, nem o sol do meio dia nos cresta.

20.º Deixae as cavernas para que não bebaes nas cisternas lodosas as aguas pestiferas do erro, e não cahiaes nas armadilhas que os maus vos levantam para vos colher na vossa innocencia.

21.º Deixae o erro, ouvi a voz do Senhor, para que a morte vos não apanhe na dureza do vosso coração.

22.º Pois o erro é como o deserto onde as aves do céo não fazem ninho, nem se apascentam os que vivem da luz.

Lisboa.

Dr. Alçada de Paiva,
Prior de S. Nicolau.

(Continúa).

Secção Historica

HISTORIA DE S. ANTONIO DE LISBOA

CAPITULO V

O typo do perfeito religioso

Os perigos da amizade. — Desprendimento exemplar. — O chamamento celeste.—A verdadeira obediencia.—Sacrificio e partida.— S. Cruz e chegada de Fernando. — Pureza d'intenção. — As tres escholas de Fernando em S. Cruz.—O typo do perfeito religioso. — As fontes da verdadeira sabedoria. — Caridade de Fernando, e cura milagrosa. — Sua profunda humildade e caso maravilhoso. — Planos transtornados.

A AMIZADE é um laço que une os corações, gerando e conservando entre elles o amor; mas tambem é, por vezes, peior que a propria detracção.

Fernando, que havia com tanta coragem despresado e resistido ás mordeduras de uma, temia, e com razão, os affagos de outra. Era elle em S. Vicente frequentemente visitado por seus parentes e amigos, mormente por seus paes, que, movidos pelo amor natural, lhe testimunhavam com muitas caricias o affecto que lhes prendia os corações.

Este commercio com pessoas seculares, que tanto afflige aquellas almas que todas se querem dar a Nosso Senhor, vivendo com o coração todo apartado das cousas do mundo, sobremaneira contristava o nosso santo, porquanto não havia meio mais a proposito, para transtornar os planos que concebera de fugir ao bulicio do mundo e viver inteiramente segregado de canceiras seculares [1]. Além de que muito perturbava a sua humildade, vendo os signaes de consideração que todos lhe dispensavam, e a confiança que n'elle depositavam, consultando-o nos negocios de maior importancia, e recorrendo a elle para desabafarem nas suas afflicções e amarguras, miserias que são companheiras inseparaveis dos pobres que vivem embrenhados em meio dos negocios seculares.

A pouco e pouco ia o nosso santo perdendo a liberdade de se entregar ás praticas de devoção e aos exercicios da vida religiosa. Muito se amargurava, reconhecendo quanto lhe eram nocivas as relações de amizade que tinha com o seculo, e vendo as enormes difficuldades e obstaculos que havia de encontrar, se continuasse a fazer de S. Vicente a sua residencia.

Resolveu, pois, deixar a patria para ver se poderia por tal fórma cortar todos os obstaculos que lhe offerecia a sua estada em Lisboa. Para isso, premeditou e resolveu buscar terra estranha, onde fosse desconhecido, e só podesse entregar-se ao serviço de Deus com verdadeira paz e *tranquillidade* de espirito [2].

A graça veio em auxilio de Fernando. A resolução que tomava era para maior honra e gloria de Nosso Senhor. A propria santificação e a gloria do Pai Celeste era a causa principal do que resolvera; e, por isso, uma voz interior lhe dizia como outr'ora a Abraham: — Deixa tua terra e teus parentes, e vem para uma terra que te quero mostrar [3]. Mas Deus quer que os homens sejam guiados uns pelos outros, e Fernando que nada queria fazer, sem que fosse confirmado pelos representantes de Deus na terra, foi prostrar-se deante do prior do mosteiro de S. Vicente, e expor-lhe, com a maior simplicidade, a resolução que tomara, e as ponderosas e graves razões que a isso o obrigavam.

Poucos poderão formar um justo conceito da pena que affligiu o coração do virtuoso prelado ao saber da resolução que tomara o santo religioso. N'elle via a perola mais preciosa da sua communidade; e, por isso mesmo, se por um lado reconhecia quanto eram justas e dignas de serem attendi-

[1] Sed cum biennio illo quo apud eos mansit, amicorum crebra visione quæ solet piis mentibus non parem importuna videri, interpellatus fuisset... (Vita Anony. C. II).

[2] Ut omes ejusmodi occasiones sibi præcideret, natale solum deserere decrevit, ut apud exteros Domino tranquillus et liberius vacare posset. (Vita Anony. C. II).

[3] Gene. XII, 1.

das as razões de seu filho espiritual, por outro, o affecto de prelado o tornava persistente em não se dispôr a ceder ao justo pedido do nosso santo.

Mas o dever exigia um sacrificio; era necessario apartar-se de quem tanto admirava e amava. Está escripto que o pai se gloria na sabedoria de seu filho, e, d'esta vez, bem se verificava a verdade d'esta sentença [1]; mas o virtuoso prior de S. Vicente abafou toda a affeição que tinha em seu coração, e deixou partir Fernando. que lá se foi, cheio de contentamento, em busca de S. Cruz de Coimbra.

Fôra este mosteiro fundado alguns annos antes do de S. Vicente. Com o tempo foi contemplado com muito singulares regalias com que o distinguiram a generosa munificencia e grandeza dos reis de Portugal. N'este mosteiro é que esteve sempre a casa generalicia dos Cruzios.

Quando Fernando para alli se retirou não era outro seu fim senão o progresso nas virtudes christãs; seu unico intento era caminhar mais rapidamente pelo caminho da perfeição, levando vida mais austera e recolhida [2]. Não havia no tempo de Fernando as vias de communicação de que hoje gosamos, e, apesar da distancia que separa estas duas cidades, a grande fama da santidade de Fernando havia já chegado de Lisboa a Coimbra. Por isso os religiosos o receberam com muitos signaes de affectuosa sympathia, satisfazendo d'est'arte o ardente desejo que todos tinham de ver e tratar um religioso, de quem, apesar da muita juventude, havia certa noticia de grandes virtudes e mui raras maravilhas.

*
* *

Nem sempre o mudar de habitação é inspirado por Nosso Senhor. Por vezes é a propria vontade, é o desejo de fugir a trabalhos, ê falta de virtude em supportar o suave jugo da santa obediencia, é natural propensão de espiritos irrequietos e levianos. Não assim era com Fernando. Elle mudava de logar para mudar de vida; não porque os seus costumes não fossem exemplares; mas porque bem sabia que, apartar-se da companhia do seculo e subir a largos passos pela via da perfeição, era uma e a mesma cousa. E por isso mesmo elle agora em Coimbra começou a dar exemplos de maior fervor, de mais acrysolada virtude e de encendrado amor de Deus [3].

Os conegos regrantes de S. Agostinho viviam á maneira d'aquelles santos padres antigos, que foram a admiração do seu seculo, e que sanctificaram os desertos, onde habitavam, entre a oração, o estudo e o trabalho das mãos. Foram estas as tres escholas, em que floresceu o nosso santo em S. Cruz de Coimbra.

Poucas são as almas chamadas sómente para a contemplação das cousas divinas. Nem a fraqueza do espirito humano consente uma tal abstracção de espirito, a ponto de se occupar sómente de cousas puramente espirituaes. Por isso os fundadores das Ordens religiosas, animados pelo espirito de Deus, e profundamente conhecedores do espirito humano e das necessidades e miserias do homem, juntaram á oração e contemplação, o estudo. E porque os religiosos não são puros espiritos, são compostos de alma e corpo, como os outros homens; por isso juntaram elles aos exercicios espirituaes os trabalhos materiaes. D'est'arte occorreram á saude do corpo, que com o exercicio se conserva e desenvolve, e á distracção do espirito, que nem sempre se póde applicar aos trabalhos mentaes.

Foi n'estes tres campos que Fernando procurou cultivar o espirito e formar o coração, sem esquecer as forças dos corpos tão necessarios para satisfazer ás locubraçõ es mentaes.

Fernando não reconhecia outra vontade senão a de Deus. O signal do sino era para elle a voz de Deus. Para os actos de communidade era elle o primeiro. Ninguem lhe notava defeitos nas observancias da vida regular. Os religiosos que haviam encanecido nas praticas da vida claustral, viam n'aquelle mancebo um exemplar que lhes servia de guia, de modelo, de estimulo e de confusão.

Era Fernando o typo do verdadeiro religioso. Deus era o principio e o fim de todas as suas acções, era Elle o objecto de todos os seus affectos e desejos. «Em meio ao ardentissimo amor que lhe «abrasava o coração, Fernando por vós anhelava, «meu Deus, desde os primeiros alvores; ereis vós, «Senhor, á fonte que o saciava, a luz que brilhava «a seus olhos, e que lhe conduzia os passos» [1].

Aprendera Fernando na Sé Cathedral de Lisboa a grammatica, a rhetorica e a philosophia. Estes conhecimentos, porém, não lhe eram sufficientes, queria subir mais; e, já que na oração ia aprender a imitar o exemplar de toda a virtude, Jesus Christo; queria tambem ouvir da bocca do proprio Deus a sciencia divina que ao mesmo tempo illustra o entendimento e inflamma o coração. Por isso, de dia e de noute, lia e meditava as sagradas Escripturas, bebendo assim na fonte limpida da divina palavra os thesouros de uma sabedoria que o mundo ignora mas que deu ao mundo e á Egreja homens admiraveis, de quem diz S. Jeronymo que não sabe que

---

[1] Sapienti filio,
Pater gloriatur;
Hoc et in Antonio
Digne Commendatur.

[2] Ad monasteriun S. Crucis de Conimbria ferventi spiritu commigrans, idque zelo severioris disciplinæ et studio maioris quietis. (Vita anonyma. Cap. II).

[3] Quam antem ille non locum, sed morum mutationem et expetüsset et fecisset, satis declarabat vita ejus solito ferventior. Talem se moribus exhibuit, ut omnibus perspicuum esset, loci oportunitatem maiorem idcirco illum appetüsse, ut ad vitæ perfectionun facilius posset pertingere. Vita Anony. C. II.

[1] Totus in te sitiens,
Deus, ad te vigilans,
Extitit de luce.
Tu fons indeficiens
Tu lux illi rutilans
Tu sitis in cruce.

Lithurgia Franciscana do sec. XIII, Antiphona de Landes.

mais admirar, se a sciencia do seculo, se a sabedoria divina.

Mas Fernando não se contentava com o sentido material das divinas escripturas; depois de ter profundado o sentido material do texto sagrado, animado com a luz do ceu e ajudado com a clarissima intelligencia que recebera de Nosso Senhor, estendia os vôos do entendimento ao sentido mystico. Dotado além d'isso de prodigiosa memoria confrontava os textos parallelos, resultando d'ahi um conhecimento profundo e vastissimo das Sagradas Paginas; conhecimentos que ao passo que lhe robusteciam o conhecimento dos mais sublimes principios da fé, lhe firmavam no coração um arreigado affecto á lei sagrada, á virtude, á sanctidade e ao Principio Supremo de toda a sanctidade, de toda a virtude e de toda a lei.

Ao estudo e meditação dos sagrados escriptores juntava elle a leitura dos melhores interpretes da S. Escriptura e da Tradicção — os SS. Padres.

Era assim que Fernando preparava no silencio e na solidão de S. Cruz as armas com que mais tarde havia de, como controversista consumado, destruir e confundir as maximas dissolventes dos inimigos da Egreja, e colher os louros das victorias que lhe grangearam o bem merecido titulo de Apostolo de Italia, Martello dos herejos e Archa do Testamento. [1]

*
* *

A sciencia, apesar de ser um dom de Deus, e o mais nobre ornamento da intelligencia; comtudo tem seus perigos. A propria nobresa da sciencia torna-a perigosa, causando o naufragio da humildade, se ella não for salvaguardada com as virtudes da caridade e da humildade.

Por isso Fernando procurava exercitar estas duas bellas virtudes, visitando os membros de Christo paciente — os enfermos. Visital-os, assistir á cabeceira d'elles, consolal-os, e satisfazel-os em todas suas necessidades, era sua maior consolação.

Deus Nosso Senhor muito se comprazia no amor que Fernando mostrava pelos membros de Jesus Christo que padeciam, provando este seu muito agrado com um prodigioso milagre. Certo dia assistia elle a certo enfermo consolando-o, e induzindo-o a que pozesse toda a sua confiança em Deus Nosso Senhor, e a que levasse com resignação e paciencia a enfermidade que o affligia. Pelas respostas do enfermo, e por especial luz de Nosso Senhor, conheceu Fernando que não era qualquer enfermidade ordinaria a que affligia o pobre doente, mas que da influencia do demonio provinham seus incommodos. Por isso Fernando animado pelo zelo da caridade e do amor de seu irmão, e indignado contra o cruel inimigo dos pobres filhos de Adão, desaperta a murça que lhe cobria os hombros, e deita-a, cheio de fé, sobre o pobre enfermo. Mal a murça havia tocado o doente, quando a enfermidade deixou de o affligir.

Este milagre de Fernando em S. Cruz era presagio dos muitos que havia de fazer em todo o decurso da sua vida, com o contacto salutar da albissima estola da sua sublime sciencia e ardentissima caridade, trazendo á vida da graça muitos infelizes que soffriam, agrilhoados com as cadeias do peccado.

Nem a nobresa de sua prosapia, nem a muita erudição, que o tornara já celebre na Sé de Lisboa, em S. Vicente e S. Cruz, nem o amor da contemplação, lhe serviam de obstaculo para que se escusasse dos trabalhos materiaes. O cosinheiro, o refeitoreiro, e os mesmos, a quem a obediencia incumbira de cuidar nos trabalhos da cerca de S. Cruz, tinham em Fernando um companheiro sempre prompto a compartilhar com elles as canceiras e os trabalhos mais rudes e humildes. E Jesus Christo, que tanto se compraz na humildade de seus servos, abençoou aquella que brilhava em Fernando, quando, esquecido do que fôra e do que era, trabalhava com um desprendimento como se fôra o ultimo dos irmãos conversos.

Os biographos do nosso Santo referem que certa occasião, trabalhando n'um d'estes misteres, ouviu o signal da elevação de Jesus Sacramentado na Santa Missa; Fernando, que sempre teve uma profundissima veneração pelo Santissimo Sacramento de nossos altares, prostrou-se em terra para adorar a sagrada hostia. Mas, caso maravilhoso! apenas o fez quando se abriram os muros da Egreja e Fernando teve a consolação de a vêr e adorar nas mãos do sacerdote. [1]

Ah, Senhor, como sois bom com aquelles que do coração vos amam! Já, n'este valle de miserias, vós encheis de beneficios aquelles que só a vós buscam, não reparando a trabalhos e sacrificios.

Fernando cada vez crescia mais em sciencia e virtude, deante de Deus e dos homens. «Era sua «alma bemdita á maneira de uma arvore plantada «á beira do regato; porisso que, sustentado com o «alimento das aguas celestes, deu sasonados fru-«ctos, quando aprouve á divina Providencia.» [2]

---

[1] Solebat autem legendo historicæ verilatis textum, allegorica comparatione confirmare fidem; et rursus ipsis scripturæ verbis conformare mores, et affectum inflamare. Scrulabatur religiosa curiosibate profunda sermonum Dei; et contra errorum foveas, divinae Scripturæ sententüs intellectun communiebat; simul etiam Sanctorun Patrun monumenta sedula lectione evolvens; dinigne lecta tenaci memoria complectens, prœter omnium expectationem, magnam Scripturæ divinæ est coguitionem adeptus. (Vita Anony. C. II).

[1] Quod ministerio cuidam humili intentus, dáto ad elevationem sub missa signo, per apertos divinitus monasterü parietes, conspexit et adoravit, quando que sacram hostiam (Vita anonyma, apud Bull. C. I. Armot. f.)

[2] Quasi secus alveum
Rivuli plantatus,
Fructum temporaneum
Dedit hic Beatus.

(Litturgia Franciscana do sec. XIII: Antiphonas de Matinas.)

Fernando era a consolação dos seus superiores, a gloria do mosteiro de Santa Cruz, e a ufania de seus professores. Deus, porém, providenciava de modo mui diverso dos planos dos religiosos de S. Agostinho; as esperanças que em Fernando haviam depositado estavam em vesperas de uma completa decepção. Certa occasião acolytava Fernando, em Santa Cruz, a uma missa, quando viu subir ao ceu rodeado de gloria um religioso de S. Francisco, que então morria no Senhor, em seu conventinho dos Olivaes, que havia sido fundado proximo á cidade de Coimbra por alguns discipulos de S. Francisco.

Esta visão de Fernando foi o primeiro impulso que determinou do seu futuro, preparando o caminho que havia de seguir o apostolo de Italia e de França.

(Continúa).

O DEMONIO E A TOMADA DE ROMA

PARA muitos de nossos leitores vão ser inteiramente novas as circumstancias que determinaram e as causas que deram origem á tomada de Roma; a esse roubo feito em plena paz e contra todos os direitos da guerra.

E' fóra de toda a duvida (depois que os Padres do Concilio Vaticano plenamente o declararam [1], e depois de reprovada terminantemente a doutrina contraria [2]) que o Summo Pontifice, a fim de exercer livremente o seu ministerio sacrosanto, precisa de um poder temporal, seja elle do modo que for. E' necessario que seja Papa e Rei.

Não precisa, é verdade, de grandes dominios, para que os negocios temporaes lhe não sirvam de obstaculo á direcção do governo espiritual da Egreja; precisa porém de um principado, que o torne independente de qualquer soberano, que lhe grangeie o respeito de todos os povos e principalmente, para com a maior liberdade possivel desempenhar o ministerio que por Jesus Christo lhe foi confiado.

Ora os impios e o cabeça de todos elles — Lucifer, planearam a suppressão d'este principado, do assim chamado Patrimonio de S. Pedro, ou dos Estados Pontificios. Reconheciam que lhes era de grande obstaculo, e, por isso, resolveram empregar todos os meios para o destruir por completo.

Eis como este plano foi concebido e posto em pratica pelo proprio.

O facto que vamos narrar é referido por testimunha occular, Thimoteo Rivoli, medico de Garibaldi e um dos primeiros chefes da alta maçonaria italiana.

Deu-se o caso em Milão, em junho de 1870, pouco depois de rebentar a guerra entre a França e a Allemanha. N'esta epocha os franc-mações occultistas da peninsula italica se reuniam no areopago de Kadosk do rito escossez ou em qualquer domicilio particular, isto é, independentemente da direcção central de Charlston; por isso que o general americano Alberto Pike não organisara ainda no novo rito paladico reformado.

Importa notar que se não tratava de uma reunião ritual qualquer, ainda que todos os assistentes pertencessem á franc-maçonaria dos altos graus, e fossem iniciados no hermetismo. Em perfeito segredo se haviam dirigido á capital da Lombardia, para terem uma rapida conferencia, politica acima de tudo, o dr. Rivoli, o general Cadorna, o coronel Francisco Cucchi, e outros doze inimigos jurados do Papado, os quaes queriam communicar as suas vistas e tomar resoluções immedatas, a respeito das eventualidades a que podia dar origem o rompimento franco-prussiano.

Os quinze sectarios italianos, quatro dos quaes pertenciam á esquerda do parlamento, tinham vindo a Milão no mais absoluto segredo, e se haviam reunido, não em qualquer loja maçonica, mas em casa de um irmão occultista, iniciado como elles, e cuja casa estava situada perto da *Porta Venezia*. Discutiram por muito tempo, formulando, no meio de animada conversa, diversos projectos que só podiam forjar os mais vis revolucionarios, temperados seus planos de guerra com horriveis impiedades. Tudo isto faziam elles, saboreando ao mesmo tempo os pessimos cigarros de Milão, que acendiam em um brazeiro de antemão preparado e que conservavam sempre aceso.

Ao fazer-se uma pausa na discussão, Cadorna avistando um bocado de pão que estava em cima de uma meza, pegou n'elle, e, por escarneo proprio de um apostata, começou a parodiar o sacerdote catholico quando consagra a hostia, e pronunciando ao mesmo tempo as palavras da consagração; depois, lançou o bocado de pão no brazeiro.

Cucchi disse então a Cadorna:

— Esse bocado de pão deve ter sido transformado no corpo de Christo, visto que o consagraste... Pois bem, já que elle arde n'esse fogo, seja, meus caros amigos, nossa homenagem a Lucifer!

— Muito bem, responderam os outros, receba Lucifer nossa homenagem por meio d'este symbolo!

No mesmo instante, como conta o doutor Rivoli, entreabriu-se o brazeiro e appareceu Lucifer em pessoa, rodeado de chammas.

Limitou-se a percorrer com um olhar o grupo dos quinze franc-mações, surprehendidos, mas não espantados com tão repentina apparição; depois pronunciou com voz sacudida, estas breves palavras:

— *Chegou o momento de descarregar o terceiro tiro de canhão.*

Immediatamente o envolveram as chammas em redomoinho, e desappareceram com elle.

---

[1] Conc. Vaticano, De Constitutione Ecclesiæ C. XII.

[2] Let. Apost. de 26 de março de 1860. — Allocução de 20 de junho de 1859. — Syllabo, proposição 26.ª, 27.ª, 75.ª e 76.ª

Longe de se espantarem, os assistentes se felicitaram do que lhes havia acontecido; considerando esta apparição satanica, que não haviam sollicitado, um presagio feliz dos seus projectos.

Poucos dias depois, deixava Francisco Cucchi a Italia muito em segredo, dirigindo-se ao quartel general do exercito allemão, onde chegou a 2 de agosto. Alli teve por dezeseis dias muitas conferencias secretas com Bismark. Foi pactuada uma convenção entre o ministro de Guilherme e o Coronel garibaldino, que representava, como delegado, os revolucionarios italianos, dos quaes era então a esquerda parlamentar uma emanação politica. Bismark compromettia-se a fornecer aos revolucionarios italianos todos os recursos materiaes para marchar contra Roma, se Victor Manoel pozesse a isso difficuldades; offerecia-se até a armar com espingardas de agulha todos os voluntarios. Por sua vez, o partido radical compromettia-se, por intermedio de Cucchi, a fomentar na Italia uma agitação formidavel contra a alliança franceza; porque Bismark temia que o rei d'Italia soccorresse a França, para mostrar o seu reconhecimento pelo auxilio que Napoleão III lhe levara aos gloriosos campos de batalha de Magenta e Solferino.

Ninguem ignora o movimento que teve logar na Italia desde o dia 20 de agosto, em que Lauza, primeiro ministro de Victor Manoel foi obrigado a responder a uma interpellação dos radicaes da esquerda. O dia 20 de agosto é a data da explosão revolucionaria contra o Papa na Italia, e foi exactamente n'esse mesmo dia que o coronel Cucchi entrou em Florença, de volta da sua mysteriosa missão.

Um mez depois, no dia 20 de setembro, sem que se adduzisse o mais leve pretexto, cercavam e bloqueavam as tropas italianas a cidade de Roma; eram violados os Estados Pontificios, com formal desprezo da propria convenção de 15 de setembro de 1864, assignada por Victor Manoel; o canhão do invasor fazia, na *Porta Pia,* uma brecha sacrilega, por onde o exercito do usurpador entrava na cidade santa. O general em chefe do exercito era Cadorna.

Dizemos, finalmente, que um dos franc-mações occultistas do conciliabulo de Milão, narrado pelo doutor Rivoli a Cresponi e a outros, era Crispi, que então ainda não havia sido ministro.

E' bom que os catholicos conheçam estes factos para que saibam quem urdiu, planeou e poz em pratica a tomada de Roma, e qual foi o espirito que animou os revolucionarios, quando abriram passagem para a cidade eterna pela brecha da Porta Pia.

Não foi a unidade d'Italia nem a integridade da peninsula italiana que moveu os revolucionarios a entrar em Roma, foi o odio satanico e o desejo infernal de fazer guerra a Jesus Christo na pessoa de seu Vigario, e de ultrajar toda a Christandade, calcando aos pés os sagrados direitos que assistem ao Romano Pontifice.

A verdade antes de tudo.

CULTO DE S. ANTONIO

S. ANTONIO NA CAPITAL DA FRANÇA

Meu caro amigo:

Vou dar-lhe uma rapida noticia das festas do VII centenario do nascimento de S. Antonio, que tiveram logar aqui na egreja de S. Antonio dos Frades Recollectos, sita na rua des Putreux n.º 8 (Batignolles), ás quaes assisti por convite do rev. Frei Leonardo, superior do convento.

Em primeiro logar, dir-lhe-hei que este convento foi edificado ha bem pouco tempo, no centro d'um dos bairros mais populosos de Paris; tanto o convento como a egreja teem um caracter de originalidade, pois não obedecem a nenhum estylo e posso dizer que n'este mesmo genero não existe em França nenhum outro.

A egreja, que é bastante vasta, foi construida toda de tijolo branco e as columnas que separam as naves lateraes são de pedra de Comblanchien, que se assemelha muito ao marmore e que se trabalha tão bem como este.

Atraz do altar mór, que é uma verdadeira obra de arte, está o côro composto de quarenta assentos, admiraveis pelo trabalho de talha; ha tambem a notar os confessionarios em fórma de pequenas capellas, como é costume em França, que são d'um aprimorado gosto. No altar mór, vê-se a estatua do nosso thaumaturgo, que é provisoria, pois a definitiva será em marmore córado, terá a altura de dois metros e deve estar terminada dentro d'um anno.

Na base do pedestal onde está assente a imagem de S. Antonio vêem-se entrelaçadas as bandeiras portugueza e franceza, tres condecorações da Legião d'Honra, uma de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e duas estrangeiras. Estas condecorações foram offerecidas ao Santo em recompensa de graças por elle obtidas.

Os altares são allumiados a cera, como manda o rito da Egreja, e no resto assim como em todo o edificio está applicada a luz electrica.

A crypta que póde comportar dois mil pobres, ainda não está completamente acabada; dir-se-ha ali missa todos os domingos; os frades farão a catechese aos pobres e distribuirão esmolas provenientes do cofre de S. Antonio que existe em todos os templos de Paris.

Como sabe, foram os frades franciscanos que fizeram que em todas as egrejas de Paris haja uma capella dedicada ao nosso Santo, e são ainda elles que n'estas egrejas vão fazer a catechese aos pobres.

As festas religiosas consistiram n'um triduo solemne nos dias 11, 12 e 13.

No primeiro dia a missa foi cantada pelo Provincial dos Franciscanos de L'Observance, da rua des Tourneaux. Assistiram a ella membros das differentes Ordens Religiosas de Paris, como Carme-

litas, Jesuitas, Capuchinhos, Dominicanos, Oblatas de Maria.

No segundo dia a missa foi cantada pelo rev. cura de S. Agostinho, assistindo os padres das parochias mais importantes de Paris, como Madeleine, Notre-Dame de Lorette etc., que assim quizeram dar um testemunho publico de muita consideração pelos filhos de S. Francisco.

No terceiro dia a missa foi cantada pelo Provincial dos Capuchinhos de Versailles.

Os sermões d'estes tres dias foram prégados pelo celebre Frei Antonio, definidor da Ordem dos reverendos Capuchinhos de Toulouse.

Foi bastante sympathica e commovente a cerimonia que teve logar no ultimo dia d'estas festividades; as mães julgaram como um dever vir pôr os seus filhos debaixo da protecção do nosso grande Santo; commovia sinceramente vêr as creanças de joelhos e mãos postas entoando canticos a S. Antonio.

Seguiu-se a esta cerimonia a Benção Papal e a veneração das Reliquias do Santo.

O rev. Superior Geral de toda a Ordem Franciscana veio expressamente da Belgica honrar com a sua presença estas festividades, ás quaes terão assistido por dia mais de duas mil pessoas.

Estes benemeritos religiosos offereceram um jantar ao seu illustre superior, aos diversos membros d'outras ordens, ao clero de Paris e representantes da imprensa, entre os quaes se achava o nosso compatriota snr. Xavier de Carvalho.

Ao «dissert» o abbade de Garnier, que é muito conhecido de nós todos pelos seus trabalhos sobre a questão operaria, inaugurou a série de brindes.

Seguiu-se-lhe o superior do Convento, o rev. Frei Leonardo, homem de notavel intelligencia e vastos conhecimentos scientificos; depois de um breve discurso sobre o nosso thaumaturgo, referiu-se em termos bastante amaveis e lisongeiros a Portugal, e, agradecendo a nossa presença, brindou ao nosso paiz.

Tive que tomar depois a palavra para agradecer as provas de sympathia com que honraram a minha Patria, e saudando a França catholica, saudei Portugal na pessoa dos nossos reis, especialmente a nossa excelsa rainha D. Maria Amelia, fervorosa christã e cuja piedade é conhecida não só entre nós como tambem aqui.

O rev. fr. Edouard, confessor da embaixada hespanhola, que por motivos particulares não tomou parte no nosso congresso catholico, brindou á prosperidade da Associação da Mocidade Catholica de Lisboa, aqui representada por um dos seus vice-presidentes.

O celebre prégador frei Antonio, capuchinho de Toulouse, brindou a S. Em.ª Rev.ma o snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, filho exemplar de S. Francisco.

Seguiram-se a este varios brindes: ao snr. Arcebispo de Paris, que, felizmente, se acha restabelecido da doença que ha pouco o acommetteu; á snr.ª duqueza de Palmella, grande protectora da pobreza; aos snrs. condes de Burnay, que ainda ha tão pouco tempo deram prova do bom uso dos seus bens, minorando a sorte dos desgraçados, como attesta a Villa de S. Antonio, por elles mandada edificar.

Assim findou, no refeitorio do convento dos filhos de S. Francisco, o jantar d'esses soldados que combatem debaixo da bandeira de Christo e que deixaram as honras, riquezas, prazeres do mundo, para se dedicarem ao bem da humanidade!

Toda a imprensa de Paris, menos a anti-catholica, foi unanime em reconhecer o grande beneficio que estes religiosos prestam aos pobres de um dos bairros mais pobres de Paris.

O culto de S. Antonio em Paris tem-se desenvolvido extraordinariamente e o nosso thaumaturgo é quasi tão venerado como Notre-Dame de Lourdes.

Creio que esta egreja vae em breve ser dedicada á missão portugueza de S. Antonio em Paris.

Jorge Godinho. [1]

S. Antonio em Siolim

Disse uma grande verdade o snr. Alberto Pimentel no seu excellente e muito opportuno artigo *S. Antonio na India,* que vi transcripto em varios jornaes do paiz, que cá na India a crença relativa ao grande thaumaturgo portuguez está ainda na sua pureza primitiva.

E assim é. O culto pelo glorioso santo resente se, como nos seculos passados, do mesmo suave aroma com que o implantaram n'estas paragens os primeiros evangelizadores, que mais vigorosos que os soldados de espada, e mais perseverantes que os capitães de fortalezas, nunca deixaram de erguer a cruz onde se hasteasse a bandeira bicolor das quinas.

Não será, pois, fora de proposito tornar publico o como se introduziu e porque se conserva até ao presente fervorosa a devoção pelo santo lisboniano, n'esta longiqua aldeia de Siolim, de concelho de Bardez.

Depois que os religiosos Franciscanos, a cujo notavel zelo haviam sido confiadas as terras firmes de Bardez, sendo as de Salsete aos jesuitas e as das Ilhas a estes e aos dominicanos, construindo em 1551 o collegio e a egreja dos Reis-Magos, internavam-se aos poucos pela morte, desbravando os terrenos safaros da idolatria enraizada, deixavam aqui e acolá monumentos perduraveis da sua sublime e encantadora passagem.

Um d'estes foi a egreja de Siolim, construida no bairro Gaunçavado em 1568, quasi no mesmo lugar em que existiu o pagode da aldeia, e dedicada á Mãe de Deus.

O edificio, posto que solido, era pequeno, mas bastante para os tempos d'então. A população christã foi depois tomando incremento e povoando toda a aldeia. Era mister outra egreja mais espaçosa, e embora sobrasse vontade da parte dos fieis — quam differentes são os tempos de hoje! — escasseavam meios, e os religiosos mal se sustentavam a expensas das esmolas.

Pelos fins do anno de 1600, dois mercadores portuguezes, cujos nomes a historia não conservou, traziam para estas partes da India um navio carregado de valiosas mercadorias, e n'elle vinha uma grande mas linda imagem de S. Antonio, certamente encommendada pelo arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes para ser collocada na egreja dedi-

---

[1] Extrahido do *Correio Nacional* de Lisboa.

cada a este Santo, que fôra construida na velha cidade de Goa, e que foi depois, em 19 de junho de 1606, doada por aquelle illustre antistite ao convento de S. Agostinho. [1]

O navio foi assoprado por um rijo temporal, e os dois mercadores, vendo-se completamente perdidos, seguraram a imagem do Santo e fizeram voto de constituirem, na primeira localidade em que aportassem salvos, um templo para ella ser ahi venerada.

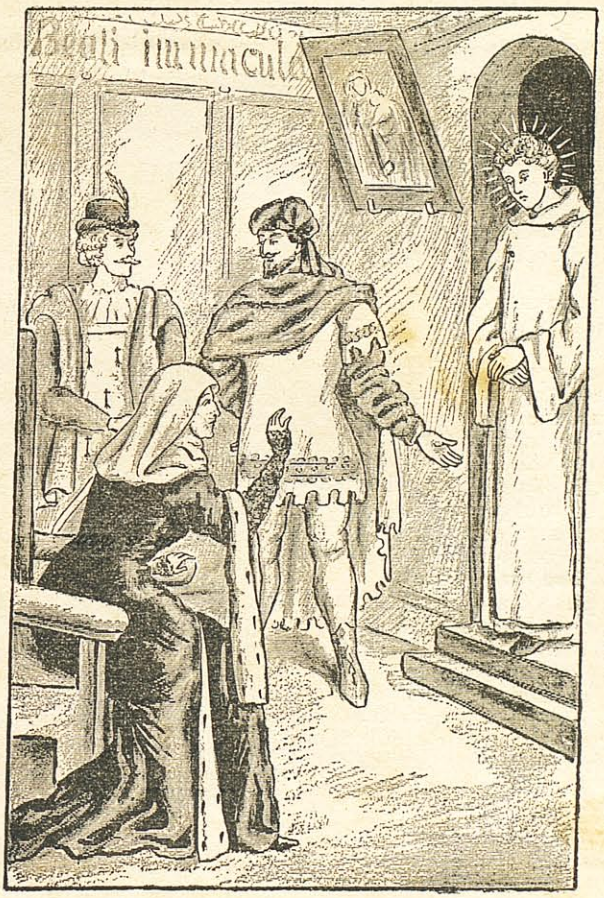
O navio, feito em pedaços, veio arribado ao rio de Chaporà, e os dous devotos do Santo subiram o rio Tonduém, que é um braço que corre entre a aldeia Siolim e sua limitrophe de Assagão, e se abrigaram n'aquella com a referida imagem.

E deram logo começo ao cumprimento do seu voto, com o concurso das communidades agricolas de Siolim e de Marná e á custa de esmolas que andavam a pedir. [2]

Os Franciscanos que a esse tempo, em 1600, procuravam alargar o edificio da primitiva egreja, acharam azada a occasião, e convertendo o em uma capella, que com o tempo ficou demolida, sendo construida outra nova em seu logar, tambem dedicada á Mãe de Deus, principiaram a edificação de um novo e espaçoso templo, n'um sitio alegre, bello e pittoresco em que o rio Tonduém, subindo a distancia de meia legua ao nascente da fortaleza de Chaporà, se desvia pelo nordeste para fazer um ligeiro angulo, affastando se do limite de Assagão e serpeando por entre os ferteis e opimos campos das aldeias Marnà e Siolim.

Reza a tradição, que primeiro se construiu a parede do fundo da capella-mór, e se collocou no ninho n'elle aberto a sobredita imagem de S. Antonio.

O Santo ficou assim presidindo aos trabalhos de edificio, emquanto o Franciscano Fr. Braz dos Anjos dirigia



Os paes de S. Antonio visitavam muitas vezes seu filho, quando religioso em S. Vicente.

de perto as obras com aquella mestria e habilidade que sempre foi o condão dos frades.

Mas — e sempre o *mas* das grandes contrariedades — uma cobra de capello de *enorme grandeza* destruia de noite toda a obra que se avançasse de dia.

Apenas ficara concluida a capella mór.

Um dia e mais, era continua a destruição, e mesmo o terror que espalhara o nojento e temivel reptil.

Parecia que a Providencia queria que o sincero voto dos dois mercadores ficasse limitado somente á capella-mór, attenuando d'esta maneira o pago de seus insanos e afadigosos trabalhos.

Não. A adversidade vinha como de molde annunciar mais intenso o immenso poder de Omnipotente, tão amado e adorado n'aquelles purissimos tempos, e o que tendia a abalar a firmeza dos devotos, se converteu logo em uma surpreza agradavel, confortando os mais e melhor.

Desesperados, com verem inutilisados dia a dia pela enorme cobra todos os seus trabalhos, os frades e os devotos resolveram abandonar a obra.

Tinham ainda assim uma esperança, e era a ultima. Tentaram n'a. Confiavam em S. Antonio, que saira incolume do medonho temporal, e uma noite todos á uma, o invocaram em preces repassadas da mais profunda devoção, entregando na mão da sua veneranda imagem um cordel, para, agradando ao Santo o novo templo, abater elle o orgulho da maldita cobra.

E Deus ouviu a prece de tão fervorosos crentes.

Quando na manhã immediata, Fr. Braz dos Anjos foi offerecer no altar o incruento Sacrificio, como para se des-

---

[1] Vida de S. Franc. Xavier por F. Nery Xavier, 2.ª ed., pag. 259, nota 225.

[2] Brosquijo Hist. das Comen. pelo dito Xavier, II parte, pag. 119.

pedir de S. Antonio, viu com surpreza que o cordel trazia presa em laço a damnosa e intemerata cobra.

Desannuviou-se o céo dos trabalhos e os *operarios* do templo cairam todos prostrados ante a veneranda imagem em a mais agradecida acção de graças pelo importante favor divino que o Santo alcançara tam visivelmente!

Ouçamos o que a este respeito em phrase curta, escreve na sua *Historia Seraphica,* o chronista dos Franciscanos, Fr. Fernando da Soledade: 1

« Estava edificando na aldeia Siuli hua Igreja de seu nome (refere se a S. Antonio) o P. Fr. Braz dos Anjos, mas andava inquieto com hua cobra das que chamam *Capello,* a qual se lhe mettia em casa e muitas vezes foi vista no telhado sobre a sua cabeça. Pelo que, já resoluto de desamparar a obra, foi despedir-se do Santo no seu Altar (caso prodigioso e milagre verdadeiramente de S. Antonio!); achou que a Santa Imagem tinha enroscada comsigo a mesma cobra para entregal-a a quem lhe tirasse a vida. Assim fizeram e o Padre continuou a obra. »

Animados com a protecção do Santo, e cessado o terror da cobra, as obras da nova egreja correram rapidas, concluindo-se em menos d'um anno esse vasto templo, que ainda se vê, de tres naves, semeado de magestosas columnas cylindricas, e no altar-mór do qual foi collocada aquella V. imagem de S. Antonio, que tão verdadeiro jus ganhou para ser o padroeiro da freguezia.

As communidades agricolas de Siolim e Marnà estabeleceram desde logo uma razoavel dotação para a solemnisação da trezena e festa do Santo.

Os terrenos que pertenciam ao extincto pagode, encampados ás duas communidades, passaram a denominar se *batulem de S. Antonio.*

E todos os freguezes ganharam uma tão intensa devoção pelo Santo, que ainda conservam por tradicção. passando de geração em geração, innumeros casos em que é manifesto por forma indubitavel o grande poder do Altissimo pela intercessão do Glorioso Santo.

Do facto que acabo de narrar, os religiosos deixaram pintado um grande prado, em que se representa S. Antonio tendo na mão um cordel, e presa a este uma obra de capello. Este quadro está collocado no corredor da egreja, em cima da porta que dá sahida para o alpendre.

Ha coisa de 50 annos foi pintado a oleo outro igual quadro, bem que mais pequeno, o qual se conserva dependurado á parede septentrional da sachristia, e se lê n'ella o seguinte *letreiro:* 2

No anno de 1600 o Padre Fr. Braz dos Anjos estando edificando uma Egreja n'esta aldeia de Siolim em Louvor de S. Antonio de Padua uma cobra capello o inquietava, a qual foi vista muitas vezes no telhado sobre a sua cabeça, por isso querendo desamparar esta obra, quando foi se despedir no seu altar achou da Santa Imagem tinha enroscada consigo a mesma cobra — Foi pintada esta Imagem pelo pintor José Antonio Raphael Rodrigues de Agaçaim quando era vigario d'esta Igreja o Padre Antonio Vicente Francisco Maria Lobo no mez de junho de 1844.

Os freguezes tem em tanto apreço o culto do Santo que não contentes com tel-o por padroeiro, fizeram ainda collocar solemnemente em 1881 sobre uma peanha de alvenaria construida na base da columna direita que do cruzeiro dá para o corpo da egreja, uma grande imagem trazida da Velha Cidade de Goa, e a que chamam *S. Antonio do Beijo.* N'essa peanha ha um mealheiro, denominado *cacainha de S. Antonio* que rende annualmente perto de 10 rupias á fabrica da Egreja.

A fabrica faz cantar todos os annos, em agosto uma missa com sermão, em memoria da collocação da dita imagem

E o que é notavel e profundamente edificante, é que o povo de crença pura não raras vezes enche a peanha do *S. Antonio do Beijo* de aboboras, *gonsalins,* pepinos e outras fructas, em prece de que o Santo alcance do ceu a abundancia, a fartura, e sobretudo, a protecção contra o furto do visinho preguiçoso para a pequena cultura de horta!

Siolim, 15 d'agosto de 1895, 7.º centenario de S. Antonio.

P. J. Gomes. 1

1 Edição de 1705, pag. 513-902. Encontrei esta magnifica obra na bibliotheca do Seminario diocesano de Rachol, rica de varios livros.

2 Publiquei pela primeira vez este *letreiro* na *India Catholica* jornal que se imprimia em Bombaim n.º 8 de 20 de fevereiro de 1879.

PÃO DOS POBRES E PIA UNIÃO

O pão dos pobresinhos de S. Antonio tem rendido, a favor dos desfavorecidos da fortuna, até agora 1:245$825 reis!

Só no mez de julho entraram na caixa dos Terceiros 297$965 reis, sendo 263$465 reis em dinheiro, e o restante em objectos de ouro.

No mez de agosto rendeu 274$430 reis e no primeiro meado de setembro 104$250 reis.

Quanto póde a caridade com os pobresinhos, e a piedade e devoção com S. Antonio!

Não referimos este mez muitas das graças que temos em nosso poder, porque o espaço nol-o não permitte.

Numero dos membros da Pia União, que até agora se teem alistado sob a bandeira de S. Antonio:

Associados do numero passado	27:259
Mais: Do *Patriarchado de Lisboa* 609, sendo:	
Lisboa	115
Mafra	23
Ericeira	135
Alcanede	1
Cezimbra	1
Atalaia	3
Cortegana	2
Mercianna	5
Milharedo	13
Xandirão	1
Boissada	1
Povoa da Gallega	1
Olhalvo	20
Villa Franca do Campo	218
Cintra	5
Palha Canna	14
Ventoza	47
Certã	4
Archidiocese de Braga, 5:160, sendo:	
Braga	2:917
Guimarães	792
Barcellos	334
Valdreu	5
Infantas	38
Joanne	93
Famalicão	52
Lama	10
Geme	6
Brunhaes	21
Thaide	5
Castellões	4
S. Bartholomeu	2
Sobradello	4
Aroza	2
Carrazedo de Montenegro	23
Aboin de Nobrega	10

1 Extrahido do *Crente* de Gôa.